

GAVETAS

ANTOLOGIA DE POEMAS, CONTOS
E CRÔNICAS - VOL. VI

CLUBE DE LEITURA DA CASA AMARELA



ADELAIDE COUTINHO - ANA CECILIA DA MOTA -
ANA PAULA MACIEL VILELA
ANABELLE LOIVOS CONSIDERA - ANGELA QUINTIERI-
CELINA ROZENBLUM LEFELMAN -
DELMA MARCELO - ELIANA MIRANZI - ELISA PEREIRA -
EVELYN KLIGERMAN - FLORA TROPER - HELOISA SOUZA -
JANIR LAGE - KATIA RODRIGUES - LÊDA ARISTIDES -
MARIANÍ GUIMARÃES - MARÍLIA AMARAL-
MARISTELA FONTES - PAULA GOMES -
ROSEANA MURRAY - SANDRA LEITE



Apresentação

O Clube de Leitura da Casa Amarela, que se reúne desde **2010**, durante a pandemia funcionou de forma totalmente on-line. A partir daí, abriu-se também para a escrita de seus membros leitores.

Já lançamos cinco livros digitais coletivos, todos disponíveis gratuitamente no meu site. São eles: “Cesta de Memórias” - “A Força das Pequenas Coisas”, “O Beijo”, “Luz e Sombra” e “Felicidade”.

Todos lançados a partir de **2021**.

Agora, começamos o ano de **2024**, reunindo poemas, minicontos e crônicas sob a temática “Gavetas”. É nossa sexta publicação, sendo que, optamos por fazer esta antologia com as mulheres.

Cada gaveta deste e-Book foi fotografada pela própria pessoa que criou seu texto, com isso entendemos que a diversidade e a memória fluiu do coração de cada uma de nós.

Roseana Murray
Saquarema, maio de **2024**

Índice

ADELAIDE COUTINHO - PÁG	3
ANA CECÍLIA DA MOTA- PÁG	5
ANA PAULA MACIEL VILELA- PÁG	7
ANABELLE LOIVOS CONSIDERA- PÁG	9
ANGELA QUINTIERI- PÁG	11
CELINA ROSENBLUM- PÁG	13
DELMA MARCELO- PÁG	15
ELIANA MIRAN I- PÁG	17
ELISA PEREIRA- PÁG	19
EVELYN KLIGERMAN- PÁG	21
FLORA TROPER- PÁG	23
HELOISA DE SOUZA- PÁG	25
JANIR LAGE DA SILVA- PÁG	27
KÁTIA RODRIGUES- PÁG	29
LÊDA ARISTIDES- PÁG	31
MARIANÍ GUIMARÃES- PÁG	33
MARÍLIA AMARAL- PÁG	35
MARISTELA FONTES -	37
PAULA GOMES - PÁG	39
ROSEANA MURRAY- PÁG	41
SANDRA LEITE- PÁG	43

Adelaide Coutinho



Foto: Adelaide Coutinho

É professora aposentada em Língua Portuguesa- Literatura. Nascida e moradora de Saquarema. Gosta de cuidar das plantas, de ouvir os pássaros, de se encontrar com as amigas para um café e um bom bate-papo e também dos encontros do Clube da Casa Amarela, que sempre lhe trazem afago no coração.



Intimidades

A vida parecia calma, os dias mornos e os afazeres se repetindo no dia a dia. O quintal sempre muito bem varrido. Alguns bancos improvisados sob as mangueiras para receber quem chegasse ou para elas mesmas se refrescarem do calor. Algumas galinhas ciscando ao nosso redor enquanto conversávamos, sem prestar atenção à nossa conversa. Falávamos amenidades, levávamos o mundo de fora, das viagens, das comidas, das cidades, das pessoas, e elas se encantavam e riam. Se convidadas a participar desse mundo, a resposta era sempre negativa, o mundo delas muito restrito, sem marido, sem filhos, sem profissão. Viviam das plantações. Pessoas simples, de imenso coração. A vida seguia seu curso até que a morte as levou.

Hora de fazer a limpeza nos armários, nas gavetas. Era uma sensação de intromissão, até de vergonha por estar mexendo na privacidade de alguém que sequer se permitia dividir o convívio íntimo. Nas gavetas, o que encontraria? São nelas que costumamos guardar nossos segredos, nossos afetos ou desafetos, problemas...

Se elas pudessem ver esse ato meu de devassar suas intimidades, o que fariam?

Vi ali guardados alguns mimos que lhes levava e que talvez não os usassem para conservá-los, algumas fotos com dedicatórias no verso, fotos cortadas separando pessoas, recortes de jornais, de revistas, de calendários.

Fico a imaginar, e dentro delas? Como seriam suas gavetas? Sei que algumas deveriam ter muitas chaves, mas algumas outras, eram abertas, escancaradas para o amor ao próximo, para gentilezas, para o cuidado de cada um que chegasse precisando delas.

P.S. ficariam muito envergonhadas se lessem o q escrevi

Ana Cecília da Mota



Foto: Ana Cecília da Mota

Nasci em Borda da Mata, rodeada por verdejantes montanhas, no sul das Minas Gerais. Acredito no poder de transformação da Educação. Sou professora, pedagoga e desenvolvo projetos de incentivo à leitura na escola onde atuo. Adoro o mar, viajar, ler e sou uma autêntica gateira. Os felinos têm lugar cativo no meu coração!



Gavetas

Cheias, bagunça
Vazias, mudança

Cheias, segredos
Vazias, espera

Cheias, memórias
Vazias, esquecimento

Cheias, ideias
Vazias, lamento.

Ana Paula Maciel Vilela



Foto: Ana Paula

Fisioterapeuta, especialista em plantas medicinais e instrutora de Lian Gong em 18 Terapias e outras práticas da medicina chinesa, tem a prevenção e a escuta como canais de acolhimento e terapêutica.

A escrita faz parte de sua identidade desde adolescente utilizando a narrativa em diários e cartas como experimentos para desenvolver seus textos.

Participou de antologias diversas e de e-books desenvolvidos junto ao “Clube de Leitura da Casa Amarela”, coordenado pela escritora Roseana Murray.

Mineira de Ituiutaba, reside em Belo Horizonte.

Blog: apalavranoinstante.com.br

@anapaulamacielvilela



Revelação

Pela telha quebrada o facho de luz penetra e invade a fresta da gaveta que, emperrada, grita.

Do retrato, a avó observa.

Atônita, miro o que da mobília escorre e encharca o assoalho; absorvido é pela terra.

O cheiro invade o ambiente e uma neblina espessa se espalha.

Olho pela greta:

Um arrepio percorre meu corpo.

Anabelle Loivos Considera



Foto: Ana Paula

Sou professora da Faculdade de Educação da UFRJ, escritora, ativista cultural e mãe da Aymée. Sou, ainda, leitora do Clube de Leitura da Casa Amarela, espaço de ideias plurais e novas escrituras.



Santa Minâncora

Alguém sabe pra que serve a proverbial pomada Minâncora? Especialmente quando o exemplar que você tem guardado na gaveta foi fabricado em **2018** e perdeu a validade em **2023**?

Bem, se a Minâncora tá no mercado desde **1915**, isso significa que pra alguma coisa (ou algumas coisas) ela é realmente boa, porque num mercado competitivo como é o de cosméticos um produto resistir por mais de **100** anos é caso pra portfólio!

Fui lá ver a composição (sim, eles dizem o que tem lá dentro, e isso também já é um espanto nesse mundo corporativo de espionagem biocósmica...): Óxido de Zinco - adstringente com ação antisséptica; Cloreto de Benzalcônio - bactericida e descongestionante nasal; Cânfora (amo o cheiro!) - ação analgésica suave, antisséptica, antipruriginosa e rubefaciente (produz ação irritante que aumenta a circulação local e dissipa processos inflamatórios).

Oba, descobri, então, pra que serve pra mim a Minâncora: curar minhas crises de adolescência tardia. Espinha coçada. Seca que é uma beleza. Espero estar sem marcas em três dias. E **2018**, afinal, tá ali na curva da história da minha gaveta. Há coisas muito mais antigas lá, e que também ainda servem.

Angela Maria Quintiéri



Foto: Angela Quintieri

É bióloga (sua paixão), é Professora de Ciências e foi Diretora de Escola durante 23 anos no Complexo do Alemão.

Foi lá que aprendeu a ouvir, respeitar e a silenciar sem baixar a cabeça.

Sempre gostou de ler, mas gosta ainda mais, quando passou a fazer parte do Clube de Leitura da Casa Amarela.



Para cada escrita dele, uma gaveta se abria.

Em 1940, a cidade de Montevideo acordou com um chorinho de um menino.

A cidade acordou porque aquele menino já nasceu cheio de poesia, de esperança, de sensibilidade, de amor ao próximo e, sobretudo porque abrigava uma força, que um dia iria além dele.

Esse menino foi chamado de EDUARDO GALEANO, e ele cresceu como crescem todas as crianças e um dia se tornou um gigante da literatura. Aliás ele se tornou um gigante em tudo: como escritor, jornalista e artista, também. Siiiiim, pois pra mim ele desenhava as palavras na sua mente fantástica.

Esse menino gigante, escreveu diversos livros, mas um deles se destacou e nem podia ser diferente. O título é sugestivo e carinhoso demais. Ele se chama O Livro dos Abraços.

A medida que eu lia esse livro, eu tinha a impressão que na minha cabeça abriam gavetas. Para cada escrita dele, uma gaveta se abria.

Penso que quando abrimos uma gaveta, principalmente a que pouco abrimos, sempre encontramos uma surpresa. E a surpresa, é sempre alguma coisa que faz a gente parar, imaginar e refletir. É assim que eu me via e ainda me vejo nesse livro. Eu via em cada conto, em cada história, em cada crônica que o Galeano escreveu, uma gaveta se abrir e ficava muito feliz, porque encontrava o que pensava que havia perdido.

Penso também que alguém que escreve um livro, cujo título tem um poder de cura, é uma pessoa além do seu tempo.

Acho que todas as pessoas que lêem O Livro dos Abraços se sentem abraçadas com um abraço do tamanho do mundo.

Como disse o poeta Nabude, o abraço é um laço dado por fora, que desata nó por dentro.

Esse, é o poder de cura a que eu me refiro, porque felicidade cura a alma. Acho que o Galeano durante toda a sua vida, abriu muitas gavetas na sua mente e nas cabecinhas dos seus leitores. Ele tentou através de sua escrita, desatar os nós dele mesmo, e os que encontrava pelo seu caminho.

Ele mesmo disse:

“_ Para que a gente escreve se não é para juntar nossos pedacinhos?”

Celina Rosenblum Lefelman



Foto: Celina Rosenblum

Sou terapeuta e artista visual, gosto de criar mandalas.
Adoro ler e faço parte do Clube de Leitura da Casa Amarela onde já participei de duas das 5 Antologias já lançadas. Esta é a minha terceira participação.
Sou ilustradora do e-Books “Labirintos”, de Mariana Esteves e co-tradutora para o Hebraico do e-Book da Roseana Murray “Preto, branco e outras cores”.



A gaveta das coisas esquecidas

Encontrei cartas que mandei para minha mãe dizendo que estava bem quando estava mal...

Encontrei pedaços de mim esquecidos num passado antigo cheios de teias de aranha...

Limpei tudo e observei quantos pedaços deixados de lado...

Comecei a grudar tudo numa colagem estranha e familiar. Quebra-cabeça de mim mesma tentando achar um fio, uma linha de tempo em comum que se junta às raízes da vida e com outros pedaços, refazendo o espaço interior...

E num susto - segundo, tudo se retransforma, se acalma com a curiosidade de me reconhecer ...

Delma Marcelo



Foto: Elisa Pereira

Sou mãe da Maria Rita com 12 anos e Maria Beatriz de 7 anos, professora e pedagoga das infâncias. Atuo como pedagoga na UMEI Jacy Pacheco em Niterói. Desde criança sou uma APAIXONADA pelas palavras, principalmente daquelas que moram na literatura, sobretudo na infantil, porque ganham uma estética artística sem igual. Por causa dessa paixão, estou no Clube de Leitura da Casa Amarela desde o começo.



Máquina do tempo

Nas dobras de um tempo perdido no próprio tempo, está ela, incólume ao passar das horas marcadas pelo relógio, às batidas do coração, ao desabrochar das flores, às gotas que saem da nascente mais recôndita.

No quarto empoeirado de guardados de sua senhora, está ela à espera que alguém estenda uma mão generosa e a retire de seu sono profundo, como um amo faria com sua lâmpada mágica a despertar seu amigo gênio.

Enquanto isso não acontece, tem a oportunidade de olhar para dentro de si e observar o que lhe compõe, o que lhe constitui. Objetos que não escolhera. Serão restos de uma vida que deseja ser esquecida, relicários de bens imateriais, sinais de uma paixão não vivida ou memórias de uma árvore genealógica? Quem sabe seja tudo isso e algo mais!

Como uma exímia artesã, que separa seus materiais para produzir sua arte e criar novos mundos, vasculha-se palmo a palmo com olhos interessados e tato perspicaz em cada memória guardada, em cada memória esquecida, talvez escondida.

Olhando para mim mesma, orgulho-me de estar cumprindo com excelência minha função de guardar! Não guardo para mim, mas para aquela que me deu essa função de ser sua máquina do tempo.

Assim que minha senhora adentrar pela porta deste quarto de guardados, estender sua mão e me abrir, deixarei de ser muda. Revelarei, em pequenas doses ou de uma única vez, tudo que está aqui a me entalar! A carta escrita para o amor não vivido, a foto esmaecida de seu velho pai que tanto a decepcionou, o umbigo de sua primeira filha, seu primeiro sutiã, as pétalas da flor que recebera de um admirador que nunca se revelou, comprovantes de contas pagas, o frasco de perfume que ganhou da tia Celina quando fez 15 anos, o anel de formatura.

Eis que o que tanto desejava realizou-se. Minha senhora veio cumprir seu ritual de alimentar-se daquilo que um dia foi e, tal qual semente, contem em si a memória do futuro. Ao me abrir, dessa vez devagarinho, como um amante ao despir cuidadosamente sua amada, retira peça por peça, parte por parte daquilo que me faz existir. Eu, uma pobre gaveta, que não guardo o que escolho, sou o que sou porque minha senhora assim me significou para ser. Ao abrir-me pela ação de sua mão dou a ela a oportunidade de regressar a um tempo particular. A cada objeto revisitado, mundos são recriados. Mas como nada é para sempre, mais que depressa alguém a chama. É preciso novamente que eu me feche, guarde e aguarde quando nos encontraremos mais uma vez. Novamente volto a ser aquela velha gaveta, uma máquina do tempo adormecida.

Eliana Miranzi



Foto: Divulgação

ELIANA RODRIGES DA CUNHA MIRANZI É uma leitora voraz, apaixonada por poesia e artes. Lecionou Inglês e História da Arte. Hoje, aos 75 anos gosta de estimular crianças, jovens e adultos no caminho da informação, cultura e arte...A poesia embala seus dias e a pintura adoça seu coração.



Uma borboleta amarela
Nos dias belos de abril
Pousa na minha janela
_ Acaso você já a viu?

Elisa Pereira



Foto: Elisa Pereira

Quem sou eu?

Sou a Elisa.

Mulher, educadora, esposa, mãe, avó. Moro cercada pela natureza, na companhia do meu marido e de três cachorros. Adoro receber a família e os amigos, ler, ir ao cinema e cozinhar. Gosto, também, de viajar e, recentemente, de me aventurar na escrita com um empurrãozinho da Roseana Murray e do Clube de Leitura da Casa Amarela.



Carrego em mim inúmeras gavetas, cuja função é guardar meus tesouros.

Nelas guardo lembranças, amigos que se foram, guardo saudades, guardo receitas de família, cartas de amor, bilhetinhos de gratidão, guardo ansiedade com o futuro, guardo esperança e guardo o pozinho mágico da alegria.

Elas não são nada organizadas, parece que têm vida própria. Quando vou procurar uma lembrança triste, acabo achando uma carta de amor e até me esqueço de perguntar o que essa criatura está fazendo na gaveta errada.

Muitas vezes fazem uma tremenda balbúrdia. Chego até a ouvir o ti-ti-ti entre elas. Colocar ordem em tantas gavetas falantes, que estão sempre disputando a minha atenção, não é tarefa fácil.

Acredito que outros humanos devam viver a mesma situação. Nem posso me queixar, pois são minhas velhas companheiras. São tão preciosas que sempre aceitam guardar tudo que proponho.

Feliz de quem pode ter gavetas tão recheadas de histórias, afetos e memórias

Evelyn Kligerman



Foto: Evelyn

Sou escultora e ceramista de alma, amor e profissão. O Clube de Leitura da Casa Amarela me trouxe a recente paixão de escrever microcontos. E graças à Roseana Murray e Jiddu K. Saldanha, oferecemos esse lindo e-book.



Tinha data marcada para a exposição. Não faltava muito, alguns meses apenas, assim que andava dando voltas e voltas com o tema.

Queria fazer uma grande instalação onde o público interagisse.

Pensou em criar uma aldeia de refugiados, onde todos teriam que passar pelas barracas, ou ruelas super estreitas.

Ou talvez criar um espaço com várias camas, de solteiro, de casal, cada uma com um livro e uma almofada. Poderiam trocar os livros.

Mas ainda não era isso que queria.

Gavetas!!!! muitas gavetas espalhadas pelo chão.

Umaz vazias, outras cheias.

De chaves, cadernos, livros de bolso, canetas, talheres, fotografias, cuecas, brincos, gravatas, relógios, meias, cartas, calcinhas. E folhas em branco, biscoitos, bilhetes, memórias esquecidas.

Convite da exposição:

GAVETAS

Escolha os itens da sua gaveta, arrume, desarrume.

Troque as gavetas de lugar.

Na sala seguinte, muitas cadeiras na qual nos sentaremos para falar das nossas escolhas.

De quantas gavetas precisamos para alimentar nossa fome.

Flora Troper



Foto: Flora Troper

Flora Troper é arquiteta aposentada. Nasceu em Recife onde cresceu e se formou. Morou no Rio de Janeiro e hoje mora em Saquarema. Sempre gostou de escrever, hábito que ainda cultiva. Entre seus hobbies também estão fazer cerâmica, tocar teclado e ler, o que é enriquecido pelo Clube de Leitura da Casa Amarela!



Tem vida lá fora

Guardo em mim bons momentos, outros nem tanto.

Cada um tem uma história, são parte de mim.

Somo cada pedacinho e vou formando quem sou.

Mais um dia vem, trazendo as notícias, umas boas, outras nem tanto. Fazem parte de mim, acrescentando ao meu eu.

E assim os dias vão passando, mais um dia e outro e outro.

O tempo não para, o tempo não espera.

Sigo somando os pedacinhos, uns bons, outros nem tanto.

E então, o dia amanhece, o sol renasce!

Todos os cantos e recantos brilham!

Abro a gaveta:

Que bonito!

Tem vida lá fora!

Heloisa de Souza



Foto: Heloisa de Souza

Heloisa de Souza, professora de Língua Portuguesa e Literatura da Educação Básica, moradora de Saquarema. Ama, sobretudo a Literatura e as relações que estabelece a partir dela, seja com os alunos, seja com os amigos que a arte lhe deu.



A foto

Pelas frestas da cortina, raios de sol incidiam no antigo móvel como se a guiasse até ele. Um dia fora uma mesinha de telefone com repartição para guardar as pesadas listas telefônicas e hoje ressignifica lembranças por vezes indesejadas.

Ela estava pensando em tirar a tarde para organizar as gavetas. Começaria pela aquela que a luz apontava. Entre calendários antigos, cartões de visita e propagandas de tele-entregas, que mecanicamente rasgava, deparou-se com uma foto amarelada pelo tempo. Seus olhos se fixaram na imagem: uma jovem de sorriso tão confiante, segurando um diploma recém-conquistado. A memória a puxou de volta para aquele dia, anos atrás, quando tudo parecia possível e o mundo se estendia à sua frente como uma tela em branco.

Na foto, ela estava no auge de sua juventude, recém-formada em arquitetura, cheia de sonhos e planos grandiosos. Lembrou-se da emoção do momento, da esperança que pulsava em seu peito e das promessas que havia feito a si mesma. Queria viajar pelo mundo, desenhar prédios icônicos, deixar sua marca em cada cidade que visitasse. Mas, como tantas vezes acontece, a vida tomou rumos inesperados. Um emprego seguro aqui, um relacionamento duradouro ali, e os sonhos foram sendo adiados, guardados em gavetas junto com aquela foto.

Sentada na cadeira, se permitiu um momento de melancolia. Pensou em tudo que poderia ter sido e sentiu um pesar ...

Percebeu que estava mais uma vez no penhasco, a um passo de mergulhar no abismo das culpas, dos medos, das dores mais profundas. Desta vez, tentava justificar que cada escolha, cada desvio no caminho, havia construído a mulher que era agora. Não conseguia se reconhecer na pessoa na foto, fora em outra vida. A possibilidade de outras vidas, talvez mais interessantes, talvez ...a campainha da porta tocou cortando seus pensamentos.

Abriu a porta e se comoveu profundamente com aqueles dois sorrisos tão felizes que atravessavam seu portal.

Janir Lage da Silva



Foto: Janir Lage

Nasci em Petrópolis, Cidade pela qual sou apaixonada. Aposentei há dois anos como professora, mas a escola não saiu de mim.

Por isso voltamos a nos encontrar esse ano. Não satisfeita voltei a estudar. Estou fazendo uma graduação em Ciência da Felicidade com o objetivo de poder entendê-la e quem sabe até encontrá-la.

Nas horas vagas e ocupadas também bordo, bordo, bordo, pássaros, flores, bichos, luas, estrelas e principalmente palavras, que resultaram nas seguintes publicações: Livro de Crônicas Coração Alfabetizado, Editora Bem Cultural.

Participações nos livros Cartas para o futuro e Nós do selo Off Flip. Eu crioulo (a), diga não ao racismo, editora MWG. Nas antologias de contos e crônicas do Clube de Leitura da Casa Amarela: O Beijo, A Força das Pequenas Coisas, Luz e Sombra, Felicidade.



Faxina

Tinha que dar um jeito naquelas gavetas entulhadas. Andava com uma sensação muito estranha com relação à vida. Se morresse, ninguém conseguiria achar o seu plano de assistência funerária pago religiosamente e ficariam aborrecidíssimos com a possibilidade de terem que mexer nos seus bolsos para fazerem um enterro à sua altura, pois a sua fama injusta (diga-se de passagem) era de ter o rei na barriga.

Todas às vezes que se colocou decidida diante delas, não conseguia jogar nada fora. Tem-se inveja de tudo. Ela, acreditem, tem inveja de gavetas arrumadas. Dessas onde se acham as coisas de olhos fechados, só pelo simples tocar.

Tudo que estava ali sem a mínima organização tinha muito valor.

Como jogar fora o cachinho do seu bebê que agora já estava ficando careca?

Os bilhetes e as cartas onde as palavras continuavam coloridas sem sentirem o tempo passar.

Tickets dos lugares mais inusitados por onde tinha tido a oportunidade de estar, uma flor seca, lápis e canetas, um caderno quase centenário de receitas tão gostosas que ainda era possível sentir o cheiro delas como se estivessem prontas, recém saindo do forno ou geladeira conforme o caso.

Combinando com ele enroladinhos num papel de seda dois pratos lindíssimos, que segundo lhe contaram tinha sido presente de casamento de bisavós e avós. E a quantidade de certificados dos mais variados cursos que fizera ao longo da sua vida profissional? É lógico que estavam lá também.

Não parece, mas ficou muito tempo revisitando aquela vida bagunçada nas gavetas. Com a mesma pressa que havia tirado tudo delas na esperança de uma arrumação, recolocou tudo de volta com a mesma falta de critério de sempre, com medo que fugissem.

Só deixou arrumadinho por cima de tudo o seu plano de assistência funerária.

Kátia Rodrigues



Foto: Divulgação

Sou Kátia Rodrigues, professora de Língua Portuguesa e Francesa, amo escrever poemas, componho sambas-enredo na Mangueira(RJ) e na Unidos de São Lucas(SP). Participo de algumas antologias, escrevi o e-book Voz Negra de Persistência e o livro Voz Negra da Persistência, além do Projeto Escrever e Ler: um Direito de Todos que foi desenvolvido em Duque de Caxias.



Escrita

Talvez?
Ao contrário do não!
A escrita é libertária.
Então, a máxima se ratifica:
eu nasci para as palavras.
Todas cabem em mim?
Recheio-me delas
como um belo bolo de aniversário
que o espera para além da contemplação!
Que bom que posso escolhê-las
fio a fio do léxico
para o coser do meu texto.
Que bom que eu posso imaginá-las
saltando do meu coração
já que se escreve com ele.
Músculo que cabe na mão e
com infinitos sentimentos.
Deveria ser um sentido.
Por quê?
Porque ninguém sente ou mistura sentimentos
se não for neste liquidificador de emoções.

Um dia, resolvi tirar da gaveta as minhas palavras escritas. Voltei a escrever !
Escrever sobre mim, sobre sentimentos, sobre o que me incomodava, sobre a vida,
sobre conceitos, sobre reflexão, então, usar palavras como comunicação com
mundos.

Lêda Aristides



Foto: Divulgação

É do Rio de Janeiro, carioca, mãe de 2 filhos e gosta de bichos. Em pequena, brincava de Professora com as bonecas. Criava histórias em mini livrinhos, feitos de sobras de papel, da gráfica do pai. Os retalhos, das costuras da mãe, viravam figurinos para o teatrinho com os primos. Hoje aos 74 anos, é Professora-Aposentada de Literatura e de Teatro na Educação. Publicou 5 livros para crianças sobre bichos e medo de monstros!

Na área acadêmica ganhou o Prêmio de Monografias Anísio Teixeira, nos anos de 2005 e de 2008.”

Atualmente, faz parte do Clube de Leitura da Casa Amarela.



Segredo no fundo da gaveta

A foto solta, descolada do seu conjunto, saltou-lhe aos olhos!

Envolta em papel transparente, de arabescos dourados, a foto parecia um quadro vivo. Uma mistura de verdades inocentes e de algumas mentiras, que não se revelam, escondiam-se nos meios-sorrisos daquelas faces fotografadas. Segredos guardados, não pronunciados...

Um grupo de amigos? Quem saberia...

Alguns familiares? Talvez!

Apenas um inocente piquenique, sobre a grama do jardim? Provavelmente!

Quem ousaria negar? Não eu!!!

Parecia um quadro vivo! Ou quase...

Os pensamentos e as palavras, saltadas da sua boca e ditas em baixo tom, descreviam a foto. Pensamentos verdadeiros ditavam meias-verdades.

Realidade e ficção se misturavam: fragmentos da memória respingavam na imagem fotografada!

Imaginação... restos de fotos e de rostos como lembranças! Cheiros antigos adentravam em suas narinas....

Guardado por anos e esquecido na gaveta da velha comoda, encontrado após a morte da tia, o velho álbum de fotografias....

Marianí Guimarães



Foto: Marianí Guimarães

Gaúcha de Santa Maria, RS, Professora aposentada, com formação em Educação Artística e Artes Cênicas pela UFSM.

Chegou em Saquarema, RJ em meados dos anos 80, onde atuou em diversas escolas e formou um grupo de teatro.

Ama literatura, teatro, pintura e viagens.



Reminiscências

A madeira do assoalho da antiga fazenda range com os passos firmes da minha avó Patrícia, enquanto caminha até seu quarto.

Seu olhar pousa na velha cômoda, com fragmentos de poeira, sob os últimos raios de sol da tarde outonal.

Todos os seus sentidos são atraídos para uma gaveta semi-aberta, com seus contornos indefinidos pela luminosidade difusa. Ela se aproxima, pega algumas fotos desbotadas pelo tempo e acaricia com suas mãos delicadas.

Suspira saudades e foge das lembranças com passos trôpegos.

Abre a janela, ainda úmida pela chuva daquela manhã, apoia seu corpo frágil no peitoril e se entrega aos seus segredos. Por um instante, descansa seu olhar nas folhas que aproveitam o vento para rodopiarem, antes da noite chegar!

Marília Amaral



Foto: Divulgação

Marília Amaral é bibliotecária, dirigiu e organizou várias bibliotecas e lecionou Biblioteconomia na UNIRIO, onde dedicou-se à questão da Leitura, Formação do Leitor e da Biblioterapia, três grandes prazeres até hoje, acrescentando a contação de histórias e poemas.

Faz parte do Clube de Leitura da Casa Amarela.



Embalsamento

Embalsamento

o prego na parede
imutável

a foto de família
daguerreótipo desbotado
rostos sérios
as vestes do antes deslocadas
no agora.

outra foto mostra o quarto
um espelho bisotée ovalado
a refletir de cada um o jeito:
mansidão inquietude empáfia

mais uma geração que se ausentara
e de fora, o adeus: conhecera
os homens e mulheres
de outras castas

meras memórias
em preto e branco

para sempre enterrado
o convívio
com os que amara.

Maristela Fontes



Foto: Marianí Guimarães

Sou Pedagoga, professora apaixonada pela Educação. Hoje estou diretora escolar na luta por uma escola pública de qualidade.

Gosto de atividades ao ar livre como pedalar, caminhar e fazer trilha e também gosto muito de pintar.



De repente cai a cortina,
corta a luz, paralisa,
vem a dor,
o choro.

Lá fora, pierrôs e colombinas cantam as alegrias da vida
enquanto aqui dentro se faz deserto.

Mergulho em mim, reviro gavetas,
tiro a poeira da alma doída de medos e culpas,
de dor,
de choro.

Corta a cena.

Seco lágrimas e me visto de coragem!

Porque a vida...a vida não espera!

Paula Gomes



Foto: Paula Gomes

Mulher, mãe, irmã, amiga, professora, estudante. Amante incondicional das palavras. Aprendiz e sempre surpreendida com as pessoas, com os seres, suas vidas e com os mundos que existem e que podem ser criados. Seguidora e perseguida pelo amor, em suas diversas manifestações. Corajosa. Amorosa. Grata.



A Coruja

Toda noite o piado da coruja buraqueira anunciava que havia uma saudade estridente a velar o sono dos amantes. Bastaria que ela parasse um segundo, fechasse os olhos e veria o rosto dele, opaco em formato 3D, se abrindo em quase um sorriso e seus olhos iniciando uma conversinha amena. Apenas esse fiapo de lembrança a mantinha lúcida em algum espaço de si.

Quando a internaram a promessa era de que "iria descansar", "iria desacelerar", "iria ficar menos confusa". Nada disso poderia ser feito no mundo em que vivia. Lá fora a velocidade imperava, as pessoas e afazeres estavam todos grudados aos ponteiros do relógio e quando não aguentava mais manter-se presa a eles, escorregava passando pelos números três, quatro, cinco e seis e se espatifava no chão.

Transformava-se em um amontoado de vozes a dar-lhe ordens. Eram vozes mais firmes do que o pensamento e menos fortes do que a voz de uma pessoa. Compareciam, primeiro, em altura de headfone, alcançavam a altura boa do som de uma festa e depois os sons estridentes abriam brechas para um medo incompreensível, senha para os movimentos de fuga e ataque.

O inimigo somente ela o pressentia, sentia e ressentia, assustada, o combatia com a fúria do seu corpo. Da última vez, as vozes chegaram todas juntas e quando a encontraram estava debaixo de uma árvore no parquinho de areia do setor leste do Gama, declamando trechos de trava-língua infantis e se apresentando como Florbela Espanca.

A loucura era uma erva daninha, tomava conta de tudo, se espraiava em cada pormenor de seu corpo e pensamento. Entre os dois, o que menos confiava era no pensamento porque nele ocorriam o maior número de enganos. Quando estava em surto psicótico, seu corpo encontrava a apoteose de sua presença no mundo. Tudo era veia, glândula, víscera, músculo e movimento. Quase não precisava respirar e não queria salvar nem mesmo a si. O corpo agitado, inquieto, agressivo era senhor de si, só depois agia sobre o pensamento, de acordo com Lúcio, "seu pensamento fica confuso", "vê e ouve o que não existe", "mas vamos cuidar de você", "tudo vai ficar bem".

Assim passavam suas horas. Naquela noite, antes de dormir, pegou o livro marcado na página da coruja buraqueira que velava os amantes. Abriu, leu palavras salteadas. Com gestos lentos, abriu a gaveta, onde escondia um Haloperidol 5mg, SOS para o sono da noite e para uma solidão sem fim.

Roseana Murray



Foto: Divulgação

Roseana Murray é poeta em tempo integral. Recebe em casa escolas públicas em seu Café, Pão e Texto e os leitores do Clube de Leitura da Casa Amarela. Gosta de ler, escrever, conversar, distribuir poemas.



A chave na fechadura

A chave não entra na fechadura! Dizia Cláudia para a família amontoada no quarto, onde como que dormia a avó profundamente, coberta com um lençol branco.

Não acordou, morreu dormindo.

Cláudia, sua neta, que viera do interior para estudar e morava com a avó nesse apartamento antigo, na Avenida Atlântica, de frente para o mar, ao trazer o café da manhã para a avó, ao chamá-la e não ouvir nenhuma resposta, viu que a avó tinha partido sem fazer barulho, na sua cama de casal.

Ligou para os pais e para os tios que levaram um tempo enorme para chegar. Ligou para a funerária, que providenciaria tudo.

E com a chave da gaveta que a avó lhe dera para que fosse aberta no momento necessário, onde, ela disse, se encontrava o testamento, tentava abrir a gaveta. A mão tão jovem tremia.

A avó havia pedido à neta que antes de abrir o testamento, lesse a carta que deixara dentro de um envelope pardo. Em voz alta.

Alguém trouxe café e colocou em cima da penteadeira da avó, precisando para isso afastar alguns frascos de perfume.

A funerária chegaria dentro de uma hora e levaria o corpo para ser velado. O pai de Cláudia, o filho da avó, estava lidando com toda a burocracia. E com a culpa de ter deixado a mãe tão abandonada nos últimos anos.

Finalmente a chave se encaixou na fechadura.

A gaveta foi aberta.

A neta apanhou o envelope.

O silêncio era pesado de expectativas.

Cláudia se sentou no banco da penteadeira, abriu o envelope e começou a ler. A letra da avó era bonita, de quem fez caligrafia.

“Minha neta Cláudia, que veio morar comigo, trouxe o sol novamente para esta casa“.

Todos os dias me preparava o café e me lia um poema antes de sair para a Faculdade de Letras. Me fez leitora outra vez. Comprava livros para mim e depois conversávamos, à noite, antes de dormir. Afinal, decidiu criar um Clube de Leitura, aos sábados, que chamou de "Vagalume". Preparávamos a minha torta preferida e cada pessoa trazia alguma coisa. Foi a maior alegria e presente que poderia me oferecer. Porque o Clube ia além. Reencontrei amigos meus e de Dirce, que voltaram a frequentar a casa.

Ela me fez sair da tristeza que eu arrastava há anos, desde que Dirce se foi antes de mim.

A família fingia que Dirce era apenas a minha ajudante ou secretária, e no começo era mesmo. Mas nos descobrimos apaixonadas e no jantar que fiz para contar do nosso amor tardio e maduro, todos riram, zombaram e disseram que eu estava sujando a memória do meu marido.

Mas o amor às vezes explode quando menos esperamos. Foi o que aconteceu. Quando minha neta chegou de Friburgo para ficar aqui até terminar a faculdade, quando ela tão delicadamente quis ouvir a minha tristeza, me abraçou e achou a minha história muito bonita, apagou a sombra que me apagava. E parece que não só eu revivi, Dirce também renasceu em minha memória e anda solta pela casa com sua alegria.

Como em tantos anos, minha família esteve ausente, sem nenhum interesse por mim, como se os velhos fossem apenas estorvo, e como minha neta virou a página da minha solidão cotidiana e da minha dor, deixo para ela apenas, o apartamento, com a condição de que continue com os encontros do Clube de Leitura Vagalume, enquanto minhas amigas viverem.

Peço ao meu único filho que compreenda e que abra mão da sua parte no cartório.

PS: se houver mesmo vida após a morte, darei notícias."

Cláudia olhou para o pai. Ele fez que sim com a cabeça.
A campainha tocou. Era a funerária.

Sandra Leite

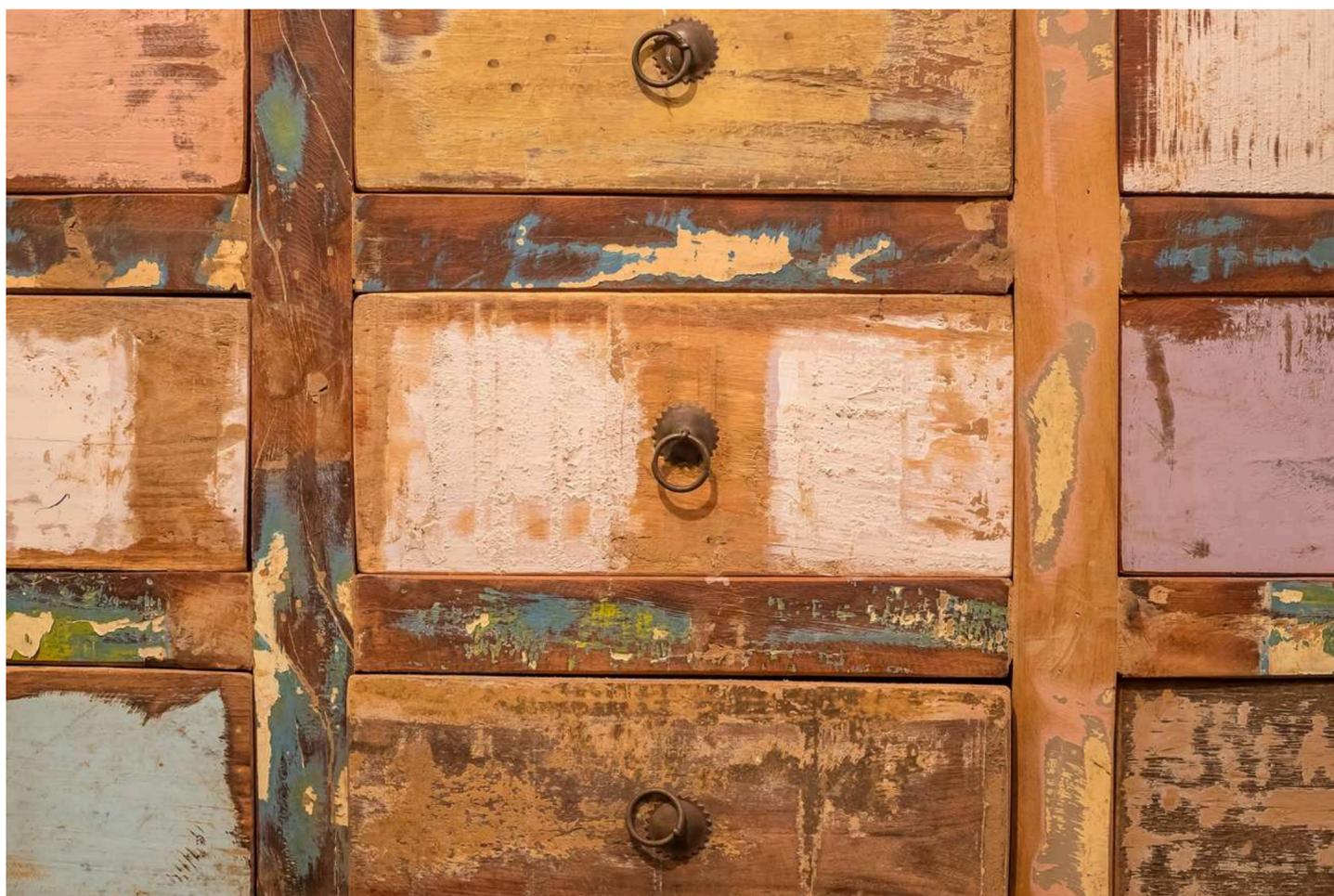


Foto: Sandra Leite

Sandra Leite, não me entendo por gente sem um livro na mão.

Apaixonada por papel, natureza, cultura e gente.

Sempre aprendiz de origami, ikebana, scrapbooking, bordado, psicodrama, teatro espontâneo e arteterapia. Trabalho com políticas públicas para a infância e programas voltados para leitura e literatura. Acredito na Literatura como Direito Humano e que a arte em todas as suas expressões nos ajuda a encontrar o caminho de si e do estar com o outro.

Fazer parte do Clube de Leitura da Casa Amarela é um presente que a vida me deu.



Guardados

Guardados nas gavetas da vida
as dores e alegrias
os encontros e partidas
as lágrimas e sorrisos

Guardados estão
os sentimentos que nos constroem
os que definem nosso ser

Guardados os percursos
que nos alumiam e inspiram

Guardadas sombras e luz
que nos constituem

Guardados os abraços e palavras
que nos socorreram

Guardados os sonhos e desejos
que nos impulsionam a caminhar

Guardados os amigos preciosos,
raras pessoas que acolhemos no coração

Guardados os livros que semearam
nossa imaginação

Guardados que transbordam
no nosso existir, gratidão

FICHA TÉCNICA

GAVETAS

Antologia de poemas, contos e crônicas - vol. VI
Clube de Leitura da Casa Amarela

IMAGENS

Crédito disponibilizado no rodapé
da imagem de cada autor.
Captura acervo - Canva

DESIGN GRÁFICO

Jiddu Saldanha

REVISÃO

Sandra Leite
Revisão individual das autoras

ISBN nº 978-65-85568-08-1

[CLIQUE AQUI](#)

